

() Graduação (X) Pós-Graduação

GUARANI: origens e a importância da terra na sua cosmovisão

Silvino Aréco

UFMS

silvinoareco@yahoo.com.br

RESUMO

No Estado de Mato Grosso do Sul vivem, de acordo como o IBGE (2010), em torno de quase setenta mil indígenas, perfazendo 18% da população geral dos povos originários do Brasil. O objetivo geral desse artigo é fazer uma breve retrospectiva histórica da origem dos Guaranis, descrevendo a importância da terra na sua cosmovisão e desvelando alguns elementos essenciais da sua cultura. A metodologia do trabalho é de caráter bibliográfico e qualitativo. Após o levantamento dos dados foi efetivado análise a luz da teoria do social histórico. Nesse momento em que os povos indígenas estão sob violentos ataques no sentido da expropriação de suas terras, porque tramita o julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF), a constitucionalidade ou não, a tese do “marco temporal”. Esse artigo pretende colaborar para o conhecimento da cultura Guarani, buscando romper preconceitos, até hoje, arraigados na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Migração Guarani, Terras sem Mal, *tekoha*.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desse artigo foi apresentar alguns apontamentos iniciais acerca da cultura Guarani. Especificamente, desvelarmos suas origens que foi na bacia amazônica e que remetem a, aproximadamente, três mil anos antes de Cristo (A.C). Descrevemos o processo migratório do Guarani, cujo tronco linguístico provém do Tupi-Guarani mais antigo. Os grupos Tupi-Guarani saíram da bacia amazônica se deslocando para duas direções Norte e Sul no espaço geográfico do Brasil atual. Os grupos que se deslocaram para o Norte ocuparam o litoral brasileiro. Foram esses grupos que tiveram os primeiros contatos com os invasores portugueses, sendo denominados de Tupi, por exemplo: Tupinambá, Tupiniquim, etc. Os grupos que saíram da bacia amazônica se dirigindo ao Sul penetraram nas regiões onde atualmente estão situados o Paraguai, a Argentina, o Uruguai, a região meridional do Brasil e o Estado de Mato Grosso do Sul, esses foram alcunhados de Guarani. Evidentemente, eram centenas de grupos que se diferenciavam culturalmente, mas devidos a alguns traços comuns foram genericamente denominados respectivamente de Tupi e Guarani pela sociedade envolvente.

O trabalho é de caráter bibliográfico e qualitativo, após colhida as informações essas foram analisadas fundamentas na teoria do social histórico.

Vale a pena ressaltar que quando descrevemos traços culturais do Guarani histórico, entendemos que esses não permaneceram estáticos, pois é da própria dinâmica da cultura sua transformação e ressignificação. Portanto, o objeto da análise é a cultura do Guarani contemporâneo que no Brasil se subdivide em três grupos: *Kaiowá*, *Ñandeva* e *M'byá* que passaram por profundas transformações durante os mais de quinhentos anos de invasão europeia.

Procuramos descrever e analisar a cultura Guarani a partir de alguns elementos como o mito da terra sem mal, o conceito de *tekoha* e *teko porã* que pertencem ao imaginário social contemporâneo, com uma grande produção científica, que ocupam uma centralidade política devido a usurpação das terras indígenas. Em relação ao Guarani histórico, sua descrição se prende a necessidade de reconstituirmos a origem do povo guarani.

A relevância desse trabalho se prende ao fato que atualmente no Estado de Mato Grosso do Sul vivem, de acordo como o IBGE (2010), em torno de setenta mil indígenas, perfazendo 18% da população geral de povos originários do Brasil.

Nesse momento histórico em que os povos indígenas estão, como sempre estiveram, sob violentos ataques, no sentido de retirarem o direito sobre as suas terras, através da análise de

constitucionalidade ou não do “marco temporal”, preceito esse que está nesse momento, mês de agosto de 2021, sendo julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A tese do chamado “marco temporal” é um mote ruralista que reduz os direitos dos indígenas. Segundo esta interpretação, os povos indígenas só teriam direito à demarcação das terras que estivessem em sua posse até o dia 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição. O STF está julgando sua constitucionalidade.

Logo, esse artigo pode colaborar para o conhecimento de uma parte da cultura desse povo, rompendo preconceitos, até hoje, arraigados na sociedade brasileira.

1. O povo que caminha:

O Tupi-Guarani como linguagem e como cultura é uma parte do tronco linguístico Tupi mais antigo, a partir do qual toma particularidade e distinção, possivelmente desde o primeiro milênio antes de Cristo, aproximadamente de três mil a dois mil e quinhentos anos atrás (MELIÀ, 1991; ARÉCO, 2008). Nesse sentido, podemos deduzir que esse povo tem uma longa história que seria impossível descrever em poucas páginas. Os Guaranis migraram da bacia amazônica, hipoteticamente motivados por um notável aumento demográfico, intensificado em um período que coincide com o tempo da cultura ocidental de aproximadamente dois mil anos A.C.

Para confirmar a origem do tronco linguístico Tupi-Guarani na Amazônia: Heckenberger esclarece que:

Poucos discordam seriamente de uma origem fora da Amazônia para o proto-Tupi e em particular para a família Tupi-Guarani. Assim, Brochado (1984: 352) está correto quando afirma que essa origem deva ser tomada como um fato e não como uma hipótese. (HECKENBERGER ET. AL.1998, p. 71).

Estudos arqueológicos revelam a presença dessa cultura Tupi-Guarani¹ na Amazônia, através das cerâmicas encontradas em escavações:

A cerâmica da subtradição Tupinambá da Amazônia possui uma série de elementos em comum com as subtradições Tupinambá da Mata Atlântica e Guaraní (meridionais), como o uso de roletes para confeccionar os vasos, o

¹ Já a cultura Guaraní com características próprias, de acordo com as: “[...] Investigações arqueológicas mostram que a cultura guarani tem origem nas florestas tropicais das bacias do Alto Paraná, do Alto Uruguai e extremidades do planalto meridional brasileiro (Schmitz: 1979,57). No século V (anos 400 d.C.) esta cultura já teria se diferenciado da Tupi e estaria estruturada com características observáveis no século XVI, bem como nos dias de hoje. Os mesmos arqueólogos sugerem que sua gestação seria de aproximadamente um milênio. As populações “proto-guarani”, que deram origem aos Guaraní da época da conquista (1500) e de hoje (Susnik: 1975), têm uma história marcada por intensos movimentos de traslados dentro dos espaços por eles considerados apropriados como territórios de ocupação”. Fonte: Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_%C3%91andeva. Acesso em 02/10/2021.

uso de antiplástico em grande quantidade na pasta, uma queima predominantemente incompleta (com núcleo escuro), um tratamento de superfície nem sempre finalizado com um alisamento fino, a presença de vasos com um ou mais ângulos na parede, incluindo as grandes panelas (provavelmente) para preparo e as tigelas (com ombro pintado) para o consumo de bebidas fermentadas, decorações corrugadas, unculadas, digitadas, escovadas e policrômicas (vermelho, branco, preto, amarelo, marrom etc.). Os dados do interflúvio Xingu-Tocantins (e.g. Silveira et al. 2008) e do baixo Tocantins (encontradas no acervo da FCCM4) indicam que a presença de urnas funerárias (como nas demais subtradições) também é elemento presente na subtradição Tupinambá da Amazônia (ALMEIDA; NEVES, 2015, p. 505).

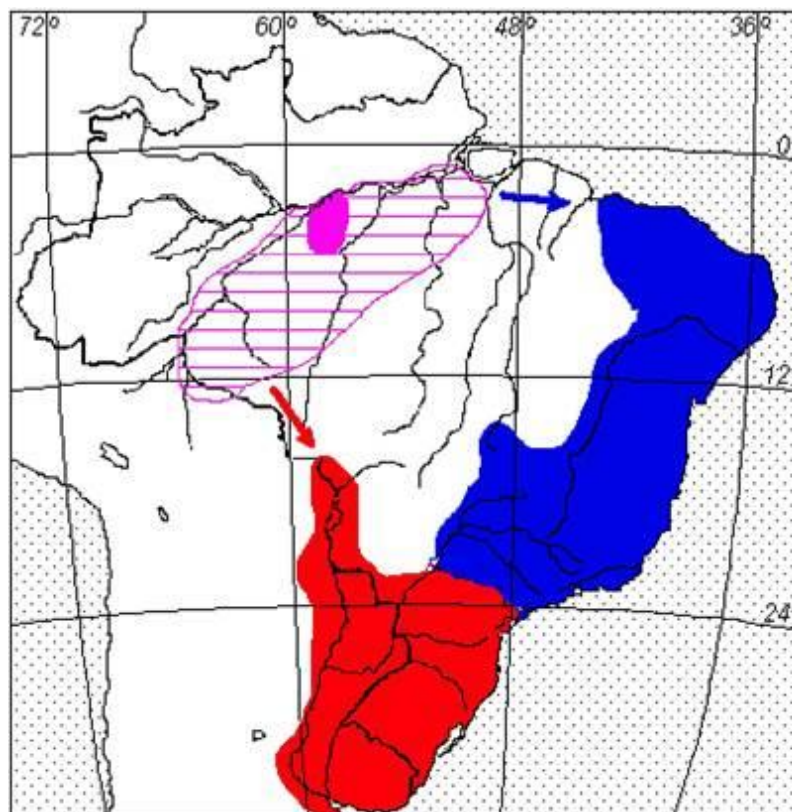
Logo, os estudos revelam a gênese do Guaraní na região amazônica. Os grupos denominados, hoje em dia, de Guaraní² que vivem no Brasil, se subdividem em três grupos: *Mbya*; *Pãi-Tavyterã*, conhecidos no Brasil como *Kaiowá*; *Avá* Guaraní, denominados no Brasil *Ñandeva*. Os Guaranis que passaram a ocupar as selvas subtropicais do Alto-Paraná, do Paraguai e do médio Uruguai durante esse longo processo de migração, Clastres descreve que:

Nos tempos pré-colombianos, as migrações dos tupis-guaranis devem ter sido muito numerosas: é o que testemunha a grande dispersão das suas tribos pelo continente sul-americano. Sabe-se, também que a expansão das suas populações era relativamente recente: atestando a grande homogeneidade cultural e linguística. Assim é que se pode reconstituir aproximadamente a história do estabelecimento dos Tupinambás ao longo da costa atlântica: alguns indígenas ainda a conheciam e certos cronistas recolheram sua narrativa (CLASTRES, 1978, p. 57).

No mapa abaixo, podemos observar esses descolamentos, grupos se locomoveram para o norte e outros foram para o sul do que seria atualmente o Brasil (MELIÀ, 1991; ARÉCO, 2008). Quando da invasão Europeia, por volta do século XVI, os invasores encontraram esses povos autóctones já estabelecidos nessas regiões.

1 Mapa da expansão Guaraní

² “[...] Os Guaraní são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kaingá, Montes, Baticola, Apyteré, Tembkuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guaraní, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guaraní, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas”. Fonte: Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>. Acesso em 02/10/2021.



Mapa: Noelli (1996). Disponível em:

https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-58112017000200299. Consultado em 03/10/2021. “O centro da cerâmica Tupi está marcado em lilás. A área hachurada com lilás possui antecedentes relacionados à cerâmica Tupi. Em azul está a área com informações arqueológicas e históricas dos Tupinambá fora da Amazônia, e em vermelho a dos Guarani” (SOUZA MELLO; KNEIP, 2017, P. 302).

De acordo com Meliá³ (1991), os Guaranis se locomoviam de um lugar para o outro em busca de novas terras, porém, não eram vagantes ocupados unicamente com a caça, com a pesca e com a coleta de raízes, méis e frutos para sobreviverem. Eles se dedicavam prioritariamente à agricultura, exploravam eficazmente as terras que ocupavam, as árvores eram derrubadas, as deixavam secar e depois queimavam em seguida plantavam mandioca, legumes entre outros alimentos e este processo ficou conhecido como *coivara*.

Os invasores se apropriaram da técnica da *coivara* para viabilizarem as suas plantações, sejam as de subsistência ou as de caráter comercial, como as plantações de cana-de-açúcar e essa tecnologia é utilizada até os dias atuais.

³ As obras de Meliá (1991; 1997) são escritas originalmente em espanhol que foi traduzida pelo autor do artigo e utilizada como citação indireta. A principal característica da citação indireta é a adaptação do trecho. Isso quer dizer que ficou a cargo do autor descrever com suas próprias palavras a ideia da referência original.

2. A coivara, o uso controlado do fogo no processo agrícola.



Foto: François-Michel Le Tourneau, 2006. Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/antes-de-cabral/ocupacao-brasil>. Acesso em: 01/08/2021.

Desde os tempos mais remotos, os Guaranis são agricultores, até podemos afirmar que possuem uma agronomia. No processo de conquista empreendido pelos europeus, estes aprenderam com os silvícolas as técnicas mais adequadas para o cultivo da terra.

3. Mandioca, herança Guarani.



Foto: site Dicas de Saúde. <https://www.saudedica.com.br/mandioca-beneficios-usos-e-efeitos-colaterais/> Disponível: <https://www.saudedica.com.br/mandioca-beneficios-usos-e-efeitos-colaterais/>. Acesso em 10/07/2021.

Constituíam-se em exímios ceramistas, produzindo peças para armazenar água, para preparar alimentos e servir a chicha ancestral, bebida fermentada a base de mandioca usada em festividades e em ritos religiosos (MELIÀ, 1991; ARÉCO, 2008).

4. Utensílios para armazenar bebidas fermentadas.



Foto Stephen Sheenan/Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul

Foto: Stephen Sheenan, museu de arqueologia do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/pt3bsKHrDSqSszYKsJ4P6Zq/?lang=pt#ModalFigf01>. Acesso em 15/07/2021.

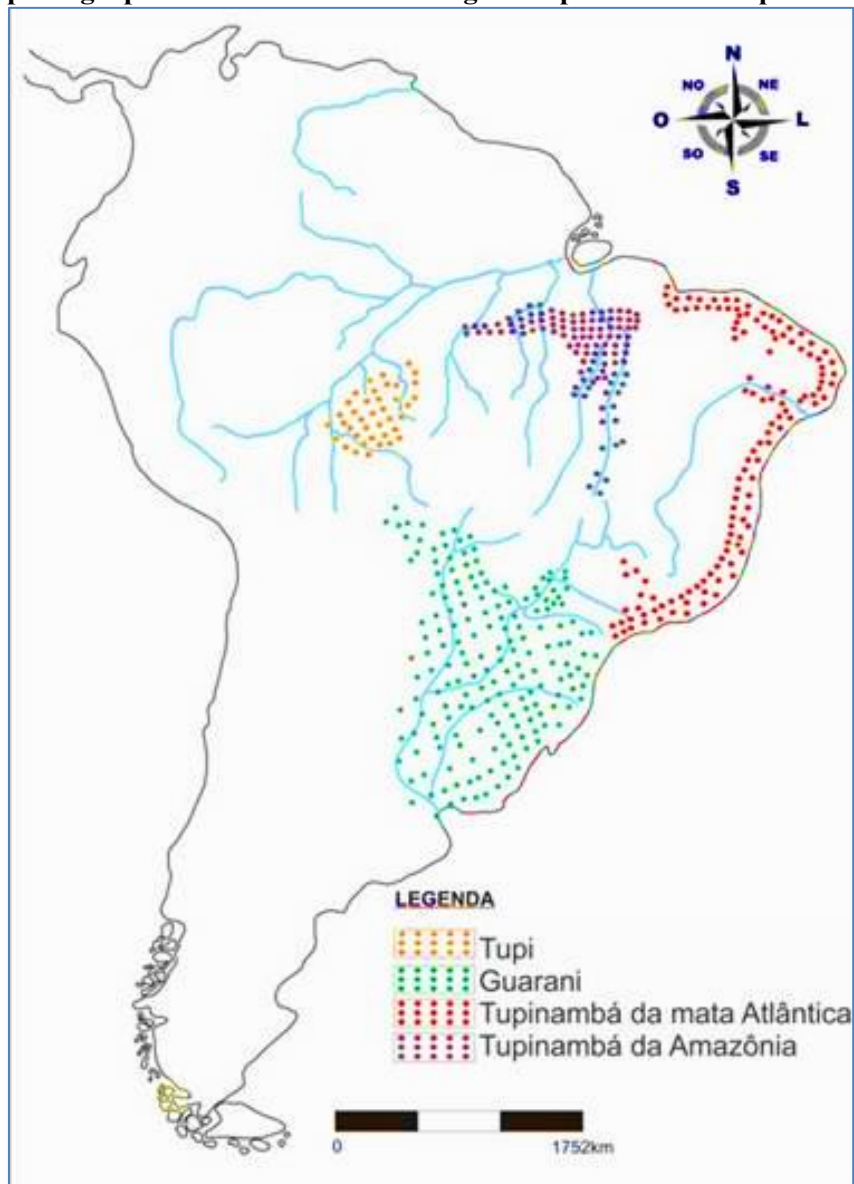
Os povos guaranis eram povoadores diligentes e prosseguiram o seu desenvolvimento migratório até nos tempos da invasão europeia no Rio da Prata, na primeira metade do século XVI, por volta do ano de 1520.

No período histórico quando da invasão europeia, Clastres (1978) informa que os Tupi-Guarani se espalhavam por uma área geográfica bastante ampla. Os Tupi ocupavam a parte média e inferior da bacia do Amazonas e dos principais afluentes da margem direita. Sobrepujavam uma grande extensão do litoral atlântico, da embocadura do Amazonas até Cananéia, localizada no atual Estado de São Paulo. Os Guaranis ocupavam a porção do litoral compreendida entre Cananéia e o Rio Grande do Sul; a partir daí, estendiam-se para o interior até aos rios Paraná, Uruguai e Paraguai. Na confluência entre os rios Paraguai e o Paraná, as aldeias indígenas se disseminavam ao longo de toda a margem oriental do rio Paraguai e pelas margens do rio Paraná.

De acordo com Clastres (1978) seu território era limitado ao norte pelo rio Tiete, a oeste pelo rio Paraguai. Mais adiante, separado deste bloco pelo Chaco, vivia outro povo Guarani, os Chiriguano, junto às fronteiras do Império Inca. No mapa abaixo podemos visualizar a ocupação Tupi e Tupinambá na região amazônica. O Guarani na região meridional do Brasil e

o Tupinambá no litoral do Brasil.

5. Principais agrupamentos de falantes de línguas Tupi-Guarani na época do contato.



Mapa: Brochado (1984) apud Almeida; Neves 2015, p. 502. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/mana/a/XLFBXwBFcsgg3FFQg3LKxDt/?lang=pt#>. Acesso 15/07/2021.

O processo migratório como história e como projeto coletivo se constitui uma marca característica dos Guaranis, ainda que muitos de seus grupos tenham permanecido por séculos em um mesmo território e nunca tenham feito uma migração efetiva (MELIÁ, 1991; ARÉCO, 2008).

6. Ulrich Schmidel um viajante alemão que esteve nessa região, no século XVI, retratou assim os

Guarani ou Carios como eram denominados.



Gravura: Ulrich Schmidel. Disponível em: <http://www.ribeiraopires.fot.br/Artigos/2014/140701-Schmidel.htm>. Acesso em 15/07/2021.

Nesse processo histórico das migrações emerge na cultura Guarani o mito da terra sem mal. A alegoria da busca da “terra sem mal” e de uma “terra nova” é uma estrutura acentuada do apotegma Guarani e de sua vivência; na realidade a “terra sem mal” é uma síntese histórica e prática de uma economia convivida profeticamente (MELIÀ, 1991).

A procura da “terra sem mal” se constituiria na razão subjetiva da consciência coletiva Guarani, o dínamo para impulsionar as constantes migrações que estaria intrincada a especificidade da economia da reciprocidade. Logo, a “terra sem mal” é certamente um elemento essencial na construção do modo de ser Guarani. Esse elemento da cultura guarani foi registrado etnograficamente em vários momentos históricos (MELIÀ; TEMPLE, 2004)⁴. Esta alegoria foi assim analisada por Hélène Clastres:

Para isso, dispúnhamos de um fio condutor: os guaranis falam hoje da "Terra sem Mal" - ora, trata-se de um tema muito antigo, cuja presença já era atestada no século XVI entre os tupis-guaranis. Nossa primeira tarefa é, portanto, tentar compreender que significação ele tinha naquele momento, inserido num contexto histórico e cultural que não era o de hoje. Naquele tempo, as sociedades tupis-guaranis eram fortes e livres - hoje, elas estão morrendo: nós o sabemos; mas também os índios o sabem e dizem. Mas, antes disso, qual podia ser o seu discurso? É o que devemos tentar descobrir: talvez seja

⁴ Essa obra de Melià e Temple (2004) é um texto em espanhol que foi traduzida pelo autor do artigo e utilizada como citação indireta.

possível entender de outra maneira as belas palavras que hoje dizem os guaranis e saber se o discurso que proferem é seu ou não, se mudou e de que maneira. Nada nos obriga, afinal de contas, a endossar as -afirmações dos antigos cronistas e a conferir às suas opiniões o mesmo crédito que às suas afirmações: relendo-os, veremos que nos disseram, sem o querer, o essencial sobre a religião indígena. (CLASTRES, 1978, p. 13).

Nessa acepção, Melià (1991) esclarece que a busca da “terra sem mal” estrutura o modo de pensar do Guaraní, desvelando o seu dinamismo econômico e sua experiência religiosa. Melià explica que a questão da “terra sem mal” foi retirada de um contexto particular e estendidos a todos os grupos Guaraní:

A questão da "terra sem mal" - *yvy marane'ỹ* - é um caso de extrapolação de um dado etnográfico particular, estendido por meio de uma generalização etnológica a todo o mundo guaraní. É certo que a "terra sem mal" é um conceito bastante moderno, dada a existência da terra dos males, historicamente criada por nós, brancos. O fato de Nimuendajú já ter aplicado a expressão, escutada entre os Apapokúva (Nhandeva), a uma experiência mística de migração de uma dúzia de "índios paraguaios" - que, na ocasião, ele ignorava que fossem Mbyá - deu margem para que Alfred Métraux estendesse a noção ao conjunto de Guaraní históricos e contemporâneos, mediante uma generalização e transposição de sentido que ignora o uso comum e a semântica guaraní de contextos culturais e econômicos muito diversos. À "terra sem mal" será conferido um sentido de paraíso na Terra, de ressonâncias quase bíblicas, quando, para os Guaraní, esta terra é um lugar onde se dão as condições de uma autêntica economia de reciprocidade, que permite o dom e a igualdade (MELIÀ, 2013, p.193-194).

Porém, esse mito acabou gerando controvérsias e discriminações por parte da sociedade envolvente, como esclarece Clastres:

Para todos esses cronistas, em todo caso, a Terra sem Mal nada invoca que não seja pagão: são os "campos elísios dos poetas". Por que os cristãos não se apossaram também dessa crença e por que, mais geralmente, por ela manifestaram tão pouco interesse? Pode-se supor, em primeiro lugar, que essa concepção dionisiaca de uma vida futura inteiramente composta de danças e bebedeiras devesse parecer ímpia aos brancos. Que também os chocasse a ideia de se atribuir ao paraíso uma localização geográfica precisa: pois os tupis-guaranis situavam a Terra sem Mal no seu espaço real, às vezes a leste, outras a oeste. Com maior frequência a oeste, aparentemente, pelo menos para os tupis do litoral: as informações dadas por Yves d'Évreux e Claud d'Abbeville confirmam Thevet, é "além das montanhas" (d'Évreux é até mais preciso: "além das montanhas dos Andes"), portanto numa tal direção do espaço que possa ser preservada a ideia de um lugar acessível (CLASTRES, 1978, p. 31. Grifos da autora).

Melià esclarece que devemos tomar cuidado com as generalizações em relação aos trabalhos etnológicos sem etnografias:

[...] há o fato de, entre os Mbyá, a expressão “terra sem mal” ser inexistente, sendo atribuída a uma invenção irreal. É um caso típico que nos permite ver a complexidade das leituras descentradas, dos perigos dos paralelismos fáceis,

a que você se referiu anteriormente. A economia de reciprocidade é tão distante da nossa cultura econômica que dificilmente podemos experimentar a realidade quando ela ocorre. Etnologia sem etnografia é “casca de banana” que leva a deslizamentos inesperados e quedas, cuja fratura dos ossos, no mais das vezes, é irreversível. A modernidade dos Guarani faz deles comunidades muito acessíveis, porém só de modo aparente, porque seguem sendo quase impenetráveis. Sua palavra é sua luz, porém também o seu refúgio (MELIÀ, 2013, p. 194).

Mesmo diante das controvérsias acerca do mito da busca de uma terra sem males, podemos afirmar que a terra exerce um papel central na cosmovisão Guarani. Os estudos arqueológicos, antropológicos e os relatos históricos mais antigos demonstram que as ocupações da terra com determinadas características para a agricultura apontam para o modo de ser Guarani. Por esses elementos apresentados, podemos ultimar que a vida dessa etnia esteve sempre ligada à questão da terra. A terra na cultura Guarani não é um dado determinado e imutável. Pois, não existe nada mais instável que a terra Guarani, eles entendem esses processos de ocupação como cíclicas, nascimento, vida e morte, porém não são unicamente circuitos econômicos, também, estão entrelaçados aos fundamentos sociopolíticos e religiosos (MELIÀ; TEMPLE, 2004; ARÉCO, 2008).

Historicamente as terras ocupadas pelos Guarani estão sempre ameaçadas pelos desequilíbrios, a ocupação e o usufruto da terra recebiam um tratamento teórico-prático, que se manifesta na linguagem e nas técnicas agrícolas utilizadas. Logo, o Guarani conhece sua terra. Esse fato se manifesta na riqueza da língua Guarani para designar os diversos tipos de terra, solos, montes, espécies vegetais e as características ecológicas de um lugar, tendo como resultante um grande número de conhecimentos concretos e práticos (MELIÀ; TEMPLE, 2004).

Na cultura guarani a terra jamais foi só um meio de produção econômica, não há registro de que conheciam o conceito de propriedade, desde os tempos imemoriais, até a atualidade, existe um termo para designar a terra Guarani: *tekoha*.

Para Oliveira e Pereira (2009, p. 52):

No sistema de comunicação linguístico das comunidades Kaiowá atuais, *tekoha* seria mais bem descrito da seguinte maneira: lugar ou espaço geográfico – já que a ênfase atual recai sobre a terra, por ela ter se constituído no principal fator limitante para a realização do modo de ser – que reúne as condições ambientais para realizar o sistema cultural que define seu modo de ser. Grande importância é dada ainda à ligação histórica da comunidade com o espaço e aos vínculos de natureza afetiva e religiosa. Isto explica o porquê dos Kaiowá não reivindicam quaisquer terras, mas especificamente aquelas às quais se reconhecem ligados pela existência dos vínculos retro apontados.

Logo, *tekoha* é o lugar onde se dão as condições e as possibilidades de ser Guarani. A terra concebida como *tekoha* é antes de tudo um espaço sociopolítico. Logo, o *tekoha* dá significado e produzem simultaneamente relações econômicas, sociais, políticas, religiosas que são essenciais para a vida Guarani. Em outras palavras, para o Guarani o *tekoha* é o local onde ele vive segundo o seu costume tradicional (MELIÀ, 1991). Mesmo quando ocorreram distorções incitadas pelo imperativo de se aumentar a exploração da terra, devido ao novo modo de produção econômico implantado pelos os europeus, o Guarani manteve-se fiel aos seus princípios. Com criatividade e dinamismo se interpôs nesse processo, inclusive emigrando se necessário fosse. Isso demonstra historicamente que o Guarani não deixou um deserto por onde passou (MELIÀ, 1991; ARÉCO, 2008).

Nessa acepção Melià e Temple (2004, p. 20) esclarecem que: "[...] *La semántica del tekoha corre menos por el lado de la producción económica que por el de um modo de producción de cultura. Teko es, [...] modo de ser, modo de estar, sistema, ley, cultura, norma, comportamiento, hábito, condición, costumbre [...]*".

Melià (1991) afirma que ao longo dos últimos mil e quinhentos anos, as tribos Guaranis constituíram características próprias. O autor alega que a etnia Guarani historicamente tem-se mostrado fiel a sua cultura tradicional, não por inércia, mais pelo trabalho ativo na busca das condições ambientais mais adequadas para o desenvolvimento de seu modo de ser. Outro conceito importante para desvelar a cosmovisão Guarani acerca da centralidade no *tekoha* é o *teko porã*:

Melià explica que:

O *teko porã* é um conceito que atravessa a experiência de vida de todos os Guarani. *Teko*, palavra que Montoya já registrara, em 1639, em seu *Tesoro de la lengua guaraní*, significa "ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito". É a cultura, tal como a definiria mais tarde, quase com as mesmas palavras Edward B. Tylor (1871). *Teko porã* é um bom modo de ser, um bom estado de vida, é um "bem viver" e um "viver bem". É um estado de ventura, de alegria e de satisfação; um estado feliz e prazeroso, aprazível e tranquilo. Há um bem viver quando existe harmonia com a natureza e com os membros da comunidade, quando existe alimentação suficiente, saúde e tranquilidade, quando a "divina abundância" – que Ulrico Schmídel encontrou entre os Guarani em 1537 (Cf. Schmídel 2003) – permite a economia da reciprocidade, o *jopói*, isto é, "mãos abertas" de um para o outro (MELIÀ, 2013, p. 194, Grifos do autor).

Melià (2013) completa esse raciocínio afirmando que há uma simbiose entre o *tekoha* e o *teko porã*, pois, o *teko porã* necessita de um *tekoha*, um lugar onde o Guarani é Guarani em sua plenitude. Nessa acepção, para sua existência coletiva, eles necessitam de um território, de florestas, de campos para cultivar e de rios para pescar e se banharem. Não se pode pensar

somente em uma “porção de terra”, trata-se de um conceito mais complexo e amplo.

Considerações finais

O estudo nos faz refletir, no sentido de descortinar a estreita ligação do Guarani com a terra. No devir histórico as constantes migrações provocaram nos europeus e depois na sociedade envolvente uma visão preconceituosa, inclusive classificando os indígenas de “vagabundos”. Logo, este artigo buscou desmistificar a visão eurocêntrica acerca da cultura Guarani, pois a história e a mitologia dessa etnia desvelam a sua densa ligação com a terra, que se manifesta no conceito de *tekoha*.

Os estudos arqueológicos, antropológicos e históricos revelam que, o Guarani é um povo cujo raio de ação abarcou uma vasta geografia. Nesse processo histórico ocorreram migrações eventuais para regiões distantes, e, com deslocamentos frequentes dentro de uma mesma região. Logo, eles não são propriamente nômades, mas são colonos dinâmicos. Os Guarani, historicamente, ocupam e ocuparam terras com características ecológicas distintas, tendo como predomínio, serem estas mais aptas para o cultivo de mandioca, do milho, da batata, dos porongos e das cabaças. As terras ocupadas pelos Guarani apresentam um horizonte ecológico bem definido, cujos limites dificilmente são quebrados. Por essas características pode-se identificar uma “terra Guarani” e a *práxis* não desmente.

A preocupação em desvelar traços da cultura Guarani e a compreensão das suas origens nos permite afirmar que o Guarani anseia pelo *tekoha*, pois sem *tekoha* não há *teko porã*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando Ozorio de. NEVES, Eduardo Góes. **MANA** 21(3). P. 499-525, 2015 – DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p499>. Evidências arqueológicas para a origem dos tupi-guarani no Leste da Amazônia.

ARÉCO, Silvino. **As reduções jesuíticas do Paraguai: a vida cultural, econômica e educacional**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, 2008. 247 f.

BROCHADO, José P. 1984. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America**. Ph.D. Dissertation, University of Illinois at Urbana Champaign.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem Mal**. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo; Editora Brasiliense, 1978.

HECKENBERGER, M.; NEVES, E. & PETERSEN, J. **De Onde Surgiram os Modelos. As Origens e expansões Tupi na Amazônia Central**. Revista de Antropologia;

USP; v. 41; nº 1; 1998; p.69-96.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010 primeiras considerações com base no quesito cor ou raça.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Consultado em 10/08/2021.

MELIÀ, Bartomeu. **Una nación dos culturas.** 4. ed. Assunción: CEPAG, 1997.

MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní: experiencia religiosa.** Assunción: CEPAG, 1991.

MELIÀ, Bartomeu. **MANA** 19 (1): 181-199, 2013. Entrevista Palavras Ditas e Escutadas

MELIÀ, Bartomeu. TEMPLE, Dominique. **El don, la venganza: y otras formas de economía guaraní.** Assunción: CEPAG, 2004.

Noelli, Francisco Silva. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, 39.2, 7-53, 1996.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques. **Ñande Ru Marangatu: laudo parcial sobre uma terra Kaiowá na fronteira do Brasil com o Paraguai em Mato Grosso do Sul.** Dourados: UFGD, 2009.

SOUZA MELLO, Antônio Augusto y KNEIP, Andreas. Novas evidências linguísticas (e algumas arqueológicas) que apontam para a origem dos povos tupi-guarani no leste amazônico. **Literatura. linguística.** [online]. 2017, n.36 [citado 2021-10-03], pp.299-312. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-58112017000200299&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0716-5811. <http://dx.doi.org/10.4067/S0716-58112017000200299>.